

Fiaminghi : técnica, ética, estética

Décio Pignatari

Mesmo apreciadores de arte não tem ciência e consciência abertas e alertas para o significado criativo que, não apenas a técnica, genericamente considerada, mas os elementos que lhe dão configuração e consistência, têm para um artista de fundas preocupações ideativas, como Volpi ou Fiaminghi, que também foram artesãos solidamente assentados e sedimentados numa quase ética economia de meios, como se os próprios componentes materiais lhes sugerissem, para além da técnica, uma estética, uma espécie de estética ad hoc, flutuante em relação a princípios prévios, mas constantemente em guarda contra improvisos e improvisações: o chassi, a tela, os pigmentos, a resina Damar, o ovo, o óleo de linhaça decantado ao sol, a água raz, a terebentina, as espátulas, os pincéis, o papel, a pedra ou paleta ou tábua, a tinta, o rolo, são ^{tão} importantes para o artista quanto a idéia icônica que os vai conduzindo pela mão. Mesmo quando já superara o patamar das necessidades básicas, Volpi lavava telas malogradas, com água, escova e sabão, no tanque, para reaproveitá-las, em estudos ou novas obras. Essa franciscana economia implicava um além, uma espécie de compromisso moral para com o material que haveria de corporificar-se em idéia pictórica. Fiaminghi tinha uma tal afeição sensual pelos pigmentos e suas fascinantes cores e tonalidades, que os adquiria compulsivamente, pessoalmente ou graças aos bons ofícios de amigos viajantes, a ponto de dizer-me, num rompante alegre, já passado dos sessenta anos de idade: "Até parece que vou viver até os cento e vinte!".

Foi de litógrafo o seu primeiro ofício, apreendido no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e logo aplicado na Companhia Melhoramentos (papel, gráfica e edição), nos anos 30 e 40. Seu gosto

e entendimento da litografia, em especial, e das artes gráficas, em geral, nunca se extinguíram, mesmo porque, paralelamente à sua atividade artística, era publicitário profissional, do layout à produção gráfica e tipográfica. Nos tempos heróicos da arte concreta, trabalhamos juntos em alguns projetos interessantes, como um anúncio serigráfico para a IV Bienal de São Paulo, inserido na revista Quadrum, e o histórico Nº 4 da revista Noigandres, onde a poesia concreta chegou ao topo da limpidez ortodoxa, toda em caixa baixa e tipo Futura Super Negra, 1958. Depois de passar pelo ~~esmalte~~ óleo, pelo esmalte e pela têmpera a ovo, voltou à sua primeira afeição, numa revivescência criativa surpreendente, da qual resultou uma série dupla de notáveis litografias, que nunca havia realizado antes: a série Corluz e a série NowArt, esta sugerida por mim, num manifesto de brincadeira publicado na Folha de São Paulo (fez questão que eu também assinasse a tiragem, por simples largueza de amizade). Isto se deu em 1995-6. Como idéia de desenvolvimento coerente, foi a sua despedida artística. Aí, desgeometriza tudo, em golfadas de vermelhos, verdes e azuis, que deslumbram o ato de ver, tanto quanto deslumbram os puros rasgos do vazio da pedra - e tanto quanto o seu amor por ela e pela arte que não o abandonou na despedida.